

Um olhar à esquerda:
a utopia tenentista na construção do pensamento
marxista de Nelson Werneck Sodré*

de Paulo Cunha

**Momentos decisivos da formação de um
revolucionário marxista**

Lúcio Flávio de Almeida **

Já se tornou um lugar-comum afirmar que Nelson Werneck Sodré foi tremendamente injustiçado por importantes círculos da esquerda acadêmica brasileira. No início, a crítica fácil, embora sisuda, relegava o autor de *Formação Histórica do Brasil* ao limbo do reformismo, a partir de uma dupla redução: simplificando o debate sobre a questão nacional brasileira, que foi bastante rico ao longo dos anos 50 e 60; e atribuindo a NWS boa parte da responsabilidade pela política do PCB, em especial no que concerne ao etapismo. Depois veio o silêncio, ao ponto em que nenhuma das obras de Nelson Werneck Sodré é conhecida pela esmagadora maioria das novas gerações de universitários, mesmo os ativistas sociais. Enfim, um outro silêncio resultante de fatores que independem das querelas da esquerda acadêmica, até porque grande parte dela, acompanhando uma tendência mundial que já está em vias de superação, efetuou um deslizamento para a direita tão brusco que dissolveu qualquer sentido de questões outrora apaixonantes e que possibilitavam uma interlocução, mesmo que rasteira, com a obra de NWS. Quando intelectuais apóiam o arrocho de salário em nome da “retomada do desenvolvimento industrial”, qual o sentido de questionar o “reformismo” de nosso autor? Como criticar sua “descabida” atenção para a questão agrária quando insuspeitada sensibilidade social é descoberta em líderes oligárquicos como Antonio Carlos Magalhães, José Sarney galga a presidência do Senado e, em nome da democracia, se criminaliza a luta do MST? Como estigmatizar a proposta de aliança com a “burguesia nacional” quando se reinstalam em postos centrais da definição da política de Estado representantes diretos e assumidos do grande capital,

* Rio de Janeiro: REVAN; São Paulo: FAPESP, 2002.

** Departamento de Política da PUC-SP e membro do NEILS.

inclusive de sua fração “financeira” mais transnacionalizada? Melhor mudar de assunto, adequar-se ao clichê do momento e se dedicar ao emocionante debate sobre as perspectivas de uma virtuosa inserção deste mercado emergente em um mundo globalizado.

Mas cá estou eu me apegando a aspectos superficiais que não fazem justiça à grande figura humana, política e intelectual que foi Nelson Werneck Sodré. Com certeza, ele jamais situaria o debate nestes termos.

Paulo Cunha também não. Embora apaixonado pelo debate, evitou, a exemplo de Sodré, começar pela polêmica direta e mobilizou outra de suas grandes paixões: a pesquisa aprofundada e paciente. Com isto, deslocou o foco dos anos 1950/60 para o processo de constituição de um intelectual revolucionário, adotando discretamente, porém de modo fecundo, um parâmetro seguro: a clássica análise de Michael Löwy acerca do trânsito efetuado por György Lukács do historicismo relativista ao historicismo marxista. O livro apresenta alguns problemas de redação que poderão ser facilmente resolvidos nas futuras edições. Do ponto de vista teórico-metodológico, parece faltar uma análise mais aprofundada das relações entre origem de classe e inserção no aparelho estatal (particularmente o ramo repressivo). O não aprofundamento do exame da segunda determinação pode ter contribuído para a superestimação da dimensão ética do tenentismo, tornando imprecisa a análise deste fenômeno político-ideológico cuja importância é vital para a condução da pesquisa. Mesmo assim, o resultado foi uma feliz atualização de importantes formulações lukacsianas temperada por um profundo conhecimento da história do PCB. O livro é um extraordinário impulso para novas pesquisas sobre o pensamento social brasileiro e um avanço decisivo na análise da trajetória de NWS.

A opção teórico-metodológica levou Paulo Cunha a mergulhar no arquivo de NWS (agora na Biblioteca Nacional) e examinar o que este autor escreveu e muitos de seus coetâneos leram, mas as gerações posteriores ignoram, inclusive uma extraordinária produção jornalística. Descobertas e redescobertas não demoraram a acontecer.

A primeira delas é que Nelson W. Sodré, oriundo da pequena burguesia pobre e, tendo, por vocação, ingressado na carreira militar, onde assegurou casa e comida (e muita dor de cabeça), já havia construído, na faixa dos 30 anos, uma obra portentosa e, inclusive, reconhecida por círculos respeitáveis da intelectualidade tupiniquim. A segunda descoberta é que, naquele período, este intelectual culto, que incorporou o que havia de melhor na tradição tenentista, pouco sabia de marxismo. Sorveu diversas influências intelectuais, como a de Pareto e, no Brasil, por um certo tempo, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna e, de modo mais duradouro, Gilberto Freyre.

A própria realização da pesquisa levou Paulo Cunha a oferecer uma

instigante análise da produção intelectual brasileira na primeira metade do século XX, fazendo aflorar a importância que adquiriu, no seu interior, o debate sobre a questão nacional e sua incorporação pelos militares, em especial os tenentes. Além de um fascinante painel, temos preparado o caminho para outra descoberta crucial. Este inquieto-culto-militar-tenente-intelectual em processo já se deparava, em sua fase pré-marxista, com muitas questões relativas à formação social brasileira. Aproveitou-se do próprio “exílio” que as intrigas militares lhe impuseram e, no então longínquo Mato Grosso, sem grandes aparatos materiais, elaborou formulações riquíssimas, como as escritas em *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. A partir de sua determinação de classe e sensível a alguns “impactos externos”, Nelson W. Sodré, inteligente e criativo, não precisou aguardar instruções da Internacional Comunista, antes, durante ou depois da predominância do stalinismo, para formular teses sobre a questão nacional brasileira, as quais, embora reformuladas, seriam parte importante do debate político dos anos 50 e início dos 60, além de merecerem atualização neste início de século.

Até aqui acompanhamos uma trajetória já fortemente determinada por uma dupla vocação, a do militar e do escritor, em um universo teórico ainda sob a dominância do historicismo relativista. Suprema ironia deste autor de uma obra diversificada e profunda que foi vitimada pelo simplismo de apreciações ligeiras: NWS, grande memorialista, deixou importantes (e até divertidos) enigmas a respeito de sua trajetória teórico-política. Quando se tornou marxista? Será que este intelectual a quem se atribui a autoria de muitas teses adotadas pelo Partido Comunista ingressou nesta organização? Que tipo de relações concretas estabeleceu com ela?

Para elucidar estes enigmas, Paulo Cunha, leu, como já foi observado, o que pouquíssimos leram ao longo dos últimos cinquenta anos. E leu melhor as obras mais lidas de Sodré, examinando inclusive as fontes (e suas respectivas datas) consultadas por este autor. A conjugação das duas leituras possibilita pistas preciosas para se elucidar estes enigmas que percorrem como um fio vermelho a pesquisa e tornam a leitura do livro uma aventura emocionante. Escrever mais sobre este assunto, nesta resenha, seria privar o leitor de uma experiência intransferível.

Resta acrescentar que, além de ser um belo exemplo de como a pesquisa é a melhor porta de entrada em um debate intelectual sério, o livro, ao se debruçar sobre o passado, procura subsídios para o exame de problemas cruciais do Brasil contemporâneo, como das relações entre militares e questão nacional. O que não deixa de ser um convite a novas pesquisas que iluminem a obra de autores/atores cujas trajetórias são referências para o pensar e o agir sobre o presente.